

Representações e poder: análise da vinheta da *Revue de Deux Mondes**

Luis Fernando Tosta Barbato¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo trazer uma análise interpretativa da vinheta presente no frontispício das primeiras edições da *Revue des Deux Mondes*, um dos mais destacados periódicos franceses do século XIX. Através da análise dessa imagem, poderemos notar como uma figura pode guardar uma série de representações que dizem respeito às práticas próprias do século XIX, evidenciando a tônica que marcaria o contexto de produção da própria revista francesa, além das relações de poder praticadas entre os países da época.

Palavras-chave: *Revue des Deux Mondes*; História Cultural; Imperialismo.

Abstract: This paper aims to bring an interpretative analysis of this vignette on the frontispiece of the first editions of the *Revue des Deux Mondes*, an important French newspaper of the nineteenth century. Through analysis of this image, we can noticing how a simple figure holds a series of representations concerning the own practices of the nineteenth century, showing the tone that mark the context of production of own French magazine, besides relations of power practiced between the countries of the time .

Keywords: *Revue des Deux Mondes*; Cultural History; Imperialism.

Dentre os periódicos franceses do século XIX, vários ganharam destaque, no entanto, um em especial nos chama a atenção, primeiro pela sua grande difusão no meio internacional, inclusive no Brasil, e segundo pela sua proposta, de colocar em contato dois mundos distintos, como seu próprio título trazia. Estamos falando da *Revue des Deux Mondes*.

Fundada com o título de *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de l'Administration et de Mouer*, em 1829, por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron (CAMARGO, 2007: 37), a *Revue* nasce já com um objetivo traçado: buscar o outro – no caso os povos estrangeiros visitados pelos colaboradores da *Revue* espalhados por todo o globo – como forma de conhecê-los, a fim de trazer para a França aquilo que de melhor havia no exterior, contribuindo assim para uma melhor organização e desenvolvimento da própria sociedade francesa. Nesse sentido, as palavras escritas pelos seus próprios fundadores, nos revelam esse intuito:

Em um século todo positivo, em uma sociedade que tende a aperfeiçoar sua organização e que procura com vontade quem possa iluminar seu andamento, uma empresa como essa deveria ser tentada. Não é de teorias administrativas que a França tem mais necessidade, é da administração prática. É importante então conhecer bem o que se passa ou que se passou com outros povos, a fim de adotar algo de suas instituições que se aplique a nossos costumes, a nosso caráter, ao

* Este trabalho contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atualmente é professor de História no Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Seus principais objetos de interesse em pesquisa são a identidade nacional brasileira, e as relações culturais no Brasil do século XIX.

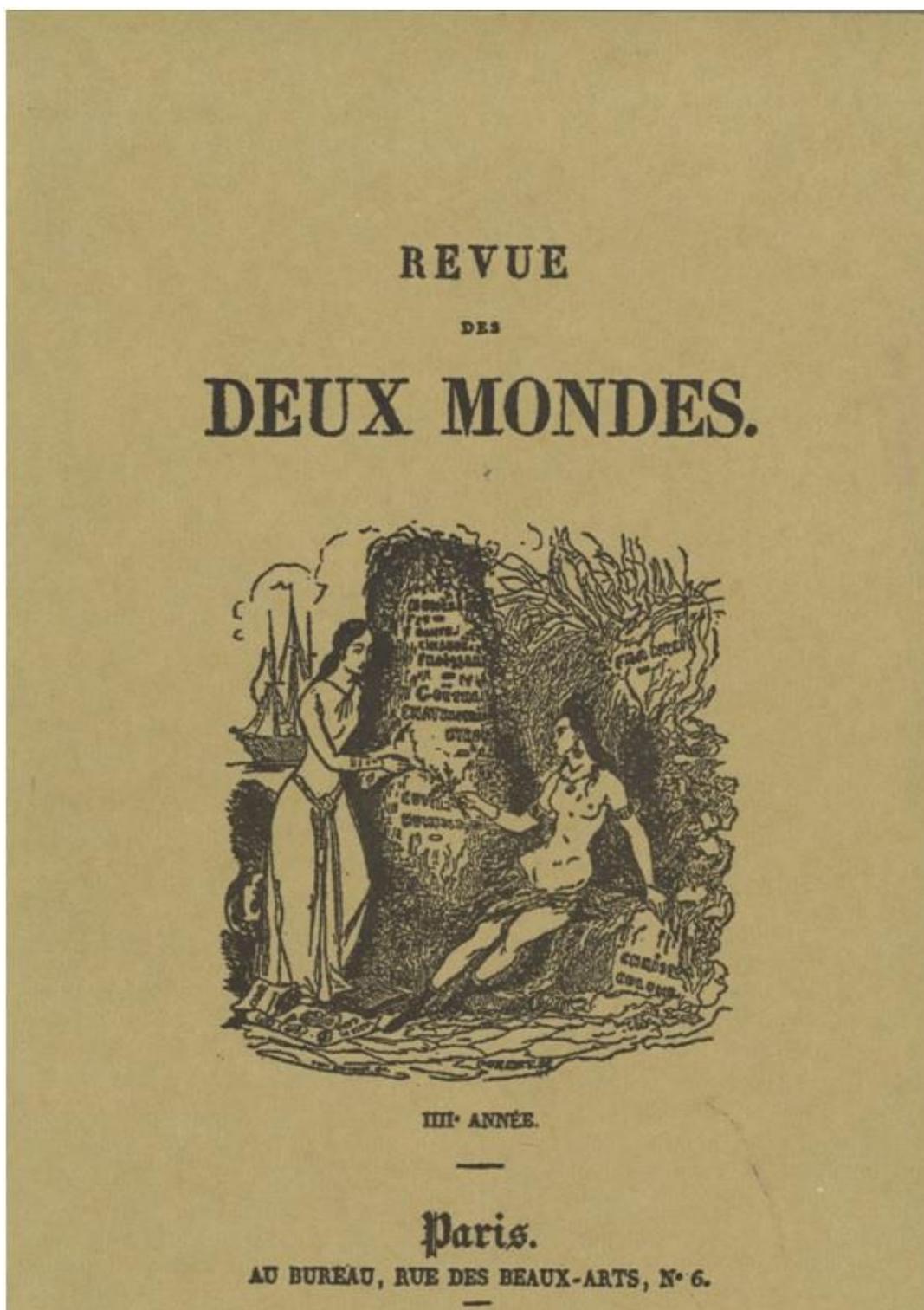
progresso de nossas luzes, à posição geográfica de nosso território. A *Revue des Deux Mondes* será isenta do espírito do sistema que frequentemente rege o trabalho desses literários nômades que viajam e escrevem tão rapidamente².

É interessante que a própria proposta da revista já pressupunha a existência de dois mundos, distintos entre si. Mas aqui cabe as perguntas: quais seriam esses dois mundos? Quais eram as diferenças que justificariam a existência desses dois mundos. Haveria relações de poder ou juízos de valores que permeariam essa troca de experiências?

Logo nas primeiras páginas das primeiras edições da *Revue* publicadas, ou seja, em seus primeiros anos de existência, a presença de uma vinheta no frontispício do periódico dos ajuda a buscar as respostas para as perguntas acima, além de começarmos a entender qual seria a tônica que marcaria a relação entre esses dois mundos propostos e apresentados pela revista. Dessa maneira, o que buscamos aqui, é fazer uma análise dessa vinheta, trazendo uma interpretação acerca das várias representações presentes na imagem que a lhe dá forma e buscando, através disso, a tônica que marcaria as relações entre a Europa e as zonas consideradas periféricas – não só economicamente, mas também culturalmente – do mundo.

Começemos pela exposição da própria figura:

² Apesar de no texto não haver menção de autoria, presume-se que tenha sido escrito por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron, diretores da revista à época.



Fonte: *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, n. 6, 1831.

A imagem anterior se trata, como dissemos, da vinheta presente no frontispício da *Revue des Deux Mondes* das edições de 1831, que retrata o encontro de duas mulheres,

nas praias de alguma parte qualquer da América, envolta por uma natureza pujante e tropical e habitada por homens ainda à beira da civilização. Nessa cena, as duas mulheres do encontro, uma europeia, trajada à moda medieval, e outra autóctone, marcada pela nudez, trocam olhares cordiais, e à nativa é apresentada toda uma série de inscrições de nomes que marcaram a civilização ocidental.

Na imagem, podemos encontrar os nomes de Homero, Dante, Cimabue, Jean Froissart, Goethe, Chateaubriand, Camões e Byron, que ressaltam o que de melhor se produziu nas letras e artes europeias. Cuvier e Humboldt, que também estão elencados, representam a ciência europeia, que vinha para explicar o mundo que os envolvia e dar-lhe sentido. Vasco da Gama e Cristóvão Colombo também aparecem entre os nomes inscritos e são representantes de toda a astúcia, da tecnologia e do espírito desbravador europeus, que permitiram que esses dois mundos se colocassem frente a frente.

Vale ressaltar que Benjamin Franklin, o único americano citado, também está entre os nomes que aparecem na vinheta, sendo justamente o único elencado no lado selvagem da imagem. No entanto, sua inscrição não está ali à toa e mostra que, mesmo tendo origem exótica ou recente, como nos traz Luiz Dantas (DANTAS, 2000: 133-134), mesmo sendo americano, portanto, com um pé na selvageria, havia toda uma possibilidade de progresso e de sucesso que se abria perante essa jovem América, bastando que ela e seus americanos os buscassem, que aprendessem, que se esforçassem, e logo a América estaria solidamente representada entre os grandes figurões da civilização ocidental, espaço ocupado, praticamente, apenas por europeus.

Assim, tal vinheta nos permite vislumbrar o encontro entre esses dois mundos que o próprio título do periódico guarda, ressaltando o intuito da revista. E, mais que mostrar apenas esse encontro, a vinheta nos traz ainda uma série de representações que mostram como a *Revue des Deux Mondes* colocaria seu próprio mundo, europeu, de glorioso passado medieval, e cheio de heróis das letras, ciências e artes, perante um mundo que pouco tinha a oferecer ao homem civilizado europeu, além de experiências sensoriais e belas paisagens.

A mulher nativa, que parece assumir a posição de uma aluna perante a sábia professora do Velho Continente, parece ao mesmo tempo encantada e perdida diante de toda a riqueza que lhe era apresentada, resguardada em sua condição selvagem, representada pela nudez. Ela observa impassível a natureza que cobre a árvore ser

arrancada para dar espaço aos grandes nomes, ou seja, para dar espaço à civilização. Era o inevitável progresso batendo às portas daquele mundo fadado a desaparecer, ou pelo menos, a se transformar.

Ao fundo, uma nau observa toda a cena de contato, o que mais uma vez representa o poder da civilização europeia, que conseguiu vencer ventos e monstros e, enfim, atingir o outro lado do Atlântico, a milhares de milhas de distância. Ela dá o respaldo a essa troca de experiências e momentos históricos que as duas mulheres protagonizam e, mais que isso, mostra que o intercâmbio estava aberto, que, se o barco estava lá na América e se havia toda essa grandeza europeia inicial representada em seus heróis, ele poderia bem voltar à Europa carregado de experiências americanas e depois regressar novamente à América, inundando-a com ainda mais de sua civilização, em um movimento sem fim de intercâmbio cultural.

No entanto, essa vinheta já mostra a assimetria dessa relação, de um lado há a Europa, com seus barcos, roupas, escritores, cientistas e desbravadores; do outro, a América, com sua nudez resignada e bárbara e uma natureza exuberante, que havia de ceder para liberar espaço para a civilização. Qual seria o papel de cada um desses dois mundos nesse jogo de contato? Quem deveria absorver o que, de quem? Quem deveria aprender o que, com quem? A assimetria estava dada, e, mesmo em um contato aparentemente inocente e cordial entre os dois mundos, já se vislumbra uma civilização rasgando e apagando a natureza e a barbárie, com letras, com artes, com ciência; é claro, não mais como conquistadores dispostos a penetrar a qualquer custo, pela força das armas, mas, ainda conquistadores, com a força de suas palavras.

Assim, podemos perceber o contexto no qual essa imagem foi produzida, marcado por uma noção, própria do século XIX, colocada na forma de *progresso*, que postulava que todos os povos e nações progrediam em uma linha que invariavelmente daria em um mesmo lugar, e no qual critérios objetivos são elencados para classificar esses povos e nações, colocando aqueles que têm de aprender em relação com aqueles que têm a ensinar.

As representações presentes na vinheta mostrada anteriormente nos dão margem para adentrarmos naquilo que Edward Said chamou de “geografias imaginativas” (SAID, 1990a; SAID, 1990b), conceito que muito nos interessa ao trabalharmos as relações de poder implícitas na imagem em análise.

Said, em sua obra *Orientalismo*, nos trouxe um princípio segundo o qual as entidades geográficas, no caso o Oriente e o Ocidente – associação que podemos ainda estender a outras dicotomias, como América e Europa, ou ainda entre Trópicos e a Zona Temperada (BARBATO, 2014) –, são historicamente construídas a partir de discursos.

Com base nas diferenças, forja-se um concorrente cultural, que ajuda a definir a Europa – ou o Ocidente –, como sua imagem, ideia, experiência e personalidade contrastantes, como nos diz Said. A prova disso é que um dos objetivos do livro é mostrar que a cultura europeia ganhou força e identidade comparando-se com o esse “Oriente”, colocando-se perante ele como uma identidade substituta, a partir da qual ele fazia o papel do distinto, do subterrâneo, do clandestino (SAID, 1990a: 13-16).

A partir de relatos – acadêmicos, administrativos e literários – produzidos a partir de determinados olhares europeus, opera-se um processo de homogeneização e unificação de uma região vasta e diversa, como é o caso do Oriente ou dessa própria América retratada como selvagem e desenha-se “o outro”, aquele que é diferente, que serve de contraponto à cultura europeia, inferiorizado na maioria das vezes mediante estereótipos que justificam e legitimam a dominação (SAID, 1990a: 13-16).

Assim, para entendermos ainda melhor essa questão, é de suma importância que lembremos de onde e de quando estamos falando: estamos nos idos do século XIX, período marcado pelo imperialismo, processo que Edward Said, mais uma vez, descreveu com primor, e que se encaixa perfeitamente nesse momento que retratamos, no qual marcar a diferença, mesmo que escondida em aparentemente simples ilustrações de uma revista, se inseria na tônica de um momento no qual um poderio sem precedentes, que segundo Said colocariam os grandes impérios do passado de Roma, da Espanha ou de Bagdá em uma posição diminuta, colocariam principalmente a França e a Inglaterra, mas também o dito *Ocidente* de uma maneira geral, como grandes senhores dispostos a dominar (SAID, 1995: 38).

E nesse sentido não podemos esquecer que temos nosso lugar de análise centrado em uma época de dominações, no qual o outro, no qual essa América – talvez com exceção dos norte-americanos, que vinham ganhando destaque na Europa -, bárbara, natural, e inferior em sua posição às margens da civilização, poderia muito bem ser

inserida. Estávamos na *Era dos Impérios*³, e, por mais que esses grandes países imperialistas não colocassem diretamente suas garras nos países americanos, já independentes e alheios ao domínio direto imposto nesse século de imperialismos, esse jogo imperial de dependência e dominação, nas mais amplas formas, se apresentava. A definição a seguir, de Michael Doyle, cabe bem nesse contexto, pois ressalta que as dominações não precisavam necessariamente ser diretas para ressaltar esse imperialismo do século XIX:

O império é uma relação, formal ou informal, em que um Estado controla a soberania política efetiva de outra sociedade política. Ele pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social ou cultural. O imperialismo é simplesmente o processo ou a política de estabelecer ou manter um império (DOYLE Apud SAID, 1995: 40).

Ainda que não houvesse nesse período uma dominação explícita dessas novas potências europeias sobre os países americanos, como dissemos, é evidente que eles não estavam alheios a esse jogo. De uma maneira mais direta, quando fruto de interesses econômicos, a França, origem de nossa imagem, queria estender seus negócios até essas paragens do outro lado do Atlântico, ou de uma maneira mais indireta, quando se descreve, mesmo que de maneira sutil e velada, como vimos na imagem, como tão necessária para retirar esses povos de sua condição de atraso e fazê-los trilhar os caminhos do progresso, para enfim se equiparar aos tão poderosos países europeus, que, a ver pelas representações que disseminavam, tanto têm a ensinar.

Ainda segundo Said, o imperialismo continuou a existir e sobreviveu onde sempre existiu, imerso em uma espécie de esfera cultural geral e presente por meio de certas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais. A América era um desses lugares prontos para abrigar esse imperialismo que, embora relativamente dissimulado, ambigualmente ainda era tão evidente, e a vinheta corrobora justamente isso.

As palavras seguintes, ainda de Said, ressaltam essa questão: “As nações contemporâneas da Ásia, América Latina e África são politicamente independentes, mas, sob muitos aspectos, continuam tão dominadas e dependentes quanto o eram na época em que viviam governadas diretamente pelas potências europeias” (SAID, 1995: 51).

É nesse meio que os viajantes da *Revue des Deux Mondes*, os principais vetores da aproximação entre esses dois mundos que a revista tentava aproximar, descrevem os

³ Em uma clara referência à obra de Eric Hobsbawm. Cf. (HOBSBAWM, 2007).

lugares que visitam na América Latina, a partir daquilo que seria seu oposto, seu contraponto, às vezes de maneira mais direta, ao mostrar as mazelas de um país e de um povo atrasados culturalmente e ao ver na Europa a chave do sucesso para aqueles pobres americanos; outras vezes de maneira mais sutil, indireta, em uma simples descrição de tudo aquilo que era diferente da sua Europa, momento no qual a natureza e o clima quase sempre ganham destaque, juntamente com as características raciais e sociais que encontraram nas populações que visitaram.

No entanto, como disse Said, a conjuntura imperial se deu não de maneira repentina, mas mediante uma presença continuamente reiterada e institucionalizada, na qual havia uma disparidade silenciosa e assumida entre a cultura francesa e as culturas subjogadas, relação essa que assumiu diversas formas diferentes, na qual os intelectuais serviram de ideólogos e apologistas (SAID, 1995: 70), exemplo no qual a vinheta da *Revue* serve perfeitamente.

É claro que não podemos negar essa relação ao trabalharmos os textos e mesmos as imagens presentes na *Revue des Deux Mondes* que, afinal, reiteravam as diferenças e inferioridades que justificavam a dominação – mesmo que em um primeiro momento apenas cultural –, e se mostravam necessários, solucionadores, indispensáveis. E tudo isso deve começar pela marcação da diferença, afinal, que sentido faz levar uma cultura superior a outra cultura superior? Tornar-se necessário era necessário, nesse caso, e reiterar isso, sempre que possível, mesmo que em uma simples imagem ilustrativa de um periódico.

O outro deve ser delineado, evidenciado, para então suas fraquezas fiquem evidentes. Esse processo de distinção, começa mesmo onde ele parece mais distante, onde parece que as sensações são mais isentas e despretensiosas: na descrição das belas imagens tropicais e do deleite que ocorria ao estar em meio a elas, como é o caso da primeira impressão que a vinheta que tratamos nos traz.

Assim, podemos concluir que a vinheta apresentada nessas primeiras edições da *Revue* traz junto a si uma série de representações que marcam as relações entre os países próprias do século XIX, que estão presentes, mesmo que de maneira dissimulada, em uma série de lugares.

Referências Bibliográficas

ANÔNIMO. Avertissement. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de l'Administration et de Mouer*, v. 1, 1829.

BARBATO, L.F.T. A invenção dos trópicos: clima e dominação à luz do Orientalismo de Edward Said. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*. v. 6, 2014.

CAMARGO, K.A.F. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal-RN, EDUFRN – Editora da URFN, 2007.

DANTAS, L. Letras brasileiras na *Revue des Deux Mondes*. In: NITRINI, Sandra (Org.). *Aquém e além mar: relações culturais: Brasil e França*. São Paulo: Hucitec, 2000.

HOBSBAWM, E. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990a.

SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SAID, E. W. Narrative, Geography and Interpretation. *New Left Review*, v. I, 1990b.

Artículo recibido en 3 de setiembre de 2016

Artículo aprobado: octubre de 2016

Publicado: Diciembre de 2016